

APRESENTAÇÃO

CRÍTICA DE MÍDIA, AUSÊNCIAS E EMERGÊNCIAS

Pensar as emergências periféricas – como urgência e como insurgência – em múltiplas práticas midiáticas em contexto de desigualdades sociais é o propósito que move a produção deste livro, dentro da Rede de Pesquisa em Cultura Midiática–Metacrítica, em sua orientação por proximidades teóricas e força dos objetos analisados e, principalmente, por experiências de crítica compartilhadas no tempo e coletivamente. Se as mídias tradicionais têm, historicamente, invisibilizado lugares e atores sociais por meio de políticas da representação intransponíveis em relação às alteridades, vemos surgir, como contraponto a elas, espaços de contestação e transformação por meio de narrativas e ações engendradas por diferentes sujeitos antes subalternizados.

Desse modo, mesmo atuando na produção e reprodução de estigmas, estereótipos e preconceitos, parte da mídia hegemônica, tanto em relatos jornalísticos como de ficção, começa a abrigar discussões relacionadas a gênero, raça e classe sexual. Juntam-se a estas aberturas muitas outras

narrativas, como as das mídias sociais, que circulam, hoje, à margem e em articulação com os meios de comunicação consolidados, e valorizam vozes até então silenciadas. Nesse sentido, convivemos, aparentemente, com muito mais realidades do que em décadas passadas. Mas como as mídias têm lidado com essas realidades? Que narrativas as consolidam, que narrativas insistem em reduzi-las e ignorá-las? Como as mídias buscam absorvê-las e controlá-las? Ao mesmo tempo, como podem abrir espaços críticos, de debate ou mesmo de subversão acerca de representações até então cristalizadas? Quais outras formas narrativas surgem e atuam nesse contexto? Como os gêneros narrativos se adaptam e se atualizam em face dessas realidades reivindicantes?¹.

Tais questões estão assentadas tanto nos sistemas estabelecidos de comunicação, no das grandes empresas de mídia, como também nos arranjos mais

¹ Grupo Mídia e Narrativa. “Emergências: novas realidades e as mídias”. *VI Seminário Mídia e Narrativa*. PUC Minas, Belo Horizonte (MG), outubro de 2017.

frágeis de comunicação social, naqueles que correm de modo marginal, periféricamente. Um quadro cheio de complicações quando pensamos especificamente no tempo de instabilidades na democracia brasileira vivido recentemente. Por isso, a validade do debate proposto neste livro sobre as fissuras da hegemonia, suas contradições e as perspectivas contra-hegemônicas na atualidade.

Para além de um ambiente midiático turbinado pela mídia online e pelas redes sociais, estamos diante de novos e complexos movimentos sociais, reconfigurados justamente pelas potencialidades e riscos deste ambiente. O livro agora publicado, em suas “ausências e emergências”, busca responder a esses desafios e agrega em seus textos a potência crítica das práticas midiáticas, seja para ressaltar as narrativas comumente ausentes nas mídias corporativas, seja para consolidar as alternativas que a ela se colocam em ações emergentes cada vez mais visibilizadas e ouvidas. Se a insurgente “sociologia das ausências” denuncia que as invisibilidades sociais são produzidas ativamente pelos discursos hegemônicos, torna-se ainda mais urgente uma “sociologia das emergências” que possa identificar os sinais já existentes no presente como promessa de futuro – sinais esses desacreditados justamente por não terem ainda se consolidado, mas que apontam para o que está *emergindo*.

Nas palavras de Boaventura de Souza Santos, “na sociologia das emergências temos de fazer uma ampliação simbólica, por exemplo, de um pequeno movimento social, uma pequena ação coletiva”, vislumbrando não um futuro abstrato, mas aquele do qual temos indícios por meio de experiências “que não estão dadas porque não existem alternativas para isso, mas são possíveis e já existem como emergência”². Esse empreendimento teórico e metodológico propicia a tematização ética e política de questões atuais a fim de transformar as relações desiguais implicadas nas crescentes disparidades sociais.

Por isso nos perguntamos como podemos analisar, então, as tensões entre hegemonia e contra-hegemonia nesta segunda década do século 21? O anseio histórico de redução das desigualdades continua sendo apenas uma hipótese na sociedade brasileira. Que caminhos buscar para articular a compreensão das mídias no reforço a todo tipo de hegemonia (de classe, gênero, raça, geração, ocupação de espaço, educação, direitos etc.) com, por outro lado, suas ações diversas em favor de grupos minoritários e da diminuição de desigualdades sociais? É dentro dessa proposta de emancipação política e cultural que os textos deste livro se movimentam. Nesse percurso, parte-se de conceitos e categorias para a crítica das mídias até a análise das práticas nelas presentes e suas expansões, indo do cinema ao jornalismo, da literatura às produções sonoras. Na variedade desses discursos, um traço se torna recorrente: a presença crescente de formas narrativas que tematizam e expressam questões ligadas à alteridade, à visibilidade e ao reconhecimento social.

2 SANTOS, Boaventura de Souza. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 37-38.

Emergências periféricas em práticas midiáticas inicia-se com o exercício amplo, metateórico e essencial de identificar formas de realizar a própria crítica de mídia, considerando que esse é um ato plural em suas abordagens sobre objetos e análises perpassadas por um fio que pretende, ainda, devolver metodologicamente resultados e problematizações. Tais entradas favorecem a observação de elementos empíricos, que são devolvidos à hipótese crítica, fazendo ver os próprios critérios de julgamento presentes nas mídias. Em “Sob o risco da crítica: a busca pela audiência no filme *Tudo por um furo*”, Rosana de Lima Soares e Ivan Paganotti analisam a referida comédia (*Anchorman 2 – the legend continues*, 2013), dirigida por Adam McKay. Os autores consideram que o tom crítico manifestado contra os exageros do entretenimento é, de alguma forma, adotado pelo próprio filme, num tenso equilíbrio entre a qualidade do produto midiático e a adesão do público.

A noção de intermedialidade, propondo o conceito de impureza para pensar a relação do cinema com outras mídias, e como método historiográfico, é acionada por Samuel Paiva em “Este mundo é sem limite: políticas de intermedialidade no cinema de Rogério Sganzerla”. O texto coloca em questão as críticas de cinema publicadas por Sganzerla nos anos 1960 no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo* e a tetralogia de filmes que ele dirigiu, *Nem tudo é verdade* (1986), *Linguagem de Orson Welles* (1991), *Tudo é Brasil* (1997) e *O signo do caos* (2003). Há uma visada crítica também na ideia de um trabalho de tradução, a que Míriam Santini de Abreu e Gislene Silva recorrem em seu artigo, intitulado “O trabalho de tradução da experiência de ocupação urbana em coberturas jornalísticas”, para identificar as possibilidades de uma mídia contra-hegemônica nos relatos das ocupações urbanas e conflitos por moradia. No texto, as autoras observam reportagens em vídeo (*Revista Pobres & Nojentas* e *Grupo RIC*) sobre a Ocupação Amarildo, em Florianópolis (SC).

Além de olhares teóricos que procuram identificar uma tomada crítica de objetos empíricos, algumas práticas midiáticas contemporâneas e diferenciadas desafiam pressupostos nos termos de sua presença e circulação. A série especial de reportagens Cracolândia SP, publicada pelo jornal *Le Monde Diplomatique Brasil* em 2017, dá base para que Cíntia Liesenberg e Nara Lya Cabral Scabin abordem os conceitos de alternativo, alteridade e visibilidade em “Vozes (des)autorizadas e (in)visibilidades no especial Cracolândia SP do *Le Monde Diplomatique Brasil*”. Se esta alteridade se conforma como uma figura feminina, Mayra Rodrigues Gomes, em “As palavras na evocação das coisas: dos termos femicídio e feminicídio”, procura um resgate com base na circulação dessas palavras, mirando sua propriedade em erigir uma realidade limiar localizada entre uma narratividade e uma discursividade. O signo em sua materialidade audível ganha força na produção atual de podcasts, dos quais Eduardo Vicente recupera

o desenvolvimento histórico do formato em “Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio”. O texto aponta as mudanças tecnológicas, as práticas de produção e consumo, e como os podcasts se diferenciam do rádio tradicional em direção à inserção em uma cultura midiática audiovisual.

Vemos ainda perspectivas teóricas revisitadas e objetos emergentes que não passam alheios a cruzamentos temáticos, como aquele entre política e estética, privilegiados não como assunto, mas como parte da confluência em que nasce a análise. Eduardo Paschoal de Sousa e Thiago Siqueira Venanzoni abordam *Branco sai, preto fica* (Ardiley Queiroz, 2015) e *Ela volta na quinta* (André Novais Oliveira, 2016) em “Expansões e dissensos: produções coletivas no cinema brasileiro contemporâneo”, buscando visualidades e efeitos de sentido, considerando a forma de produção coletiva das obras e também sua recepção. A realidade pode ter uma aproximação narrativa e estética assumida de maneira afirmativa, como Ercio Sena e Juliana Gusman propõem em “Relatos de guerra e reconhecimento: incursões em *A guerra não tem rosto de mulher*”, refletindo sobre implicações sociais e políticas do trabalho de Svetlana Aleksievitch, e o endosso às narrativas de mulheres que se juntaram ao Exército Vermelho na luta contra o fascismo.

A experiência da alteridade e da empatia ao outro, tanto em materiais informativos quanto ficcionais, também é tematizada por Fernanda Elouise Budag e José Augusto Mendes Lobato. Indo do jornalismo à telenovela, o artigo “(Re)visitar o outro nas mídias: empatia e alteridade no jornalismo e na ficção seriada” promove uma leitura crítica dos textos da jornalista Eliane Brum, quando trata de vítimas de contaminação por amianto, e da teledramaturgia de Glória Perez, na representação de personagem transexual. As identidades e visibilidades podem ainda ser desafiadas em relatos feitos por seus próprios protagonistas, como observa Felipe Muanis em “Regimes de visibilidade nos quadrinhos documentais autobiográficos”, analisando as estratégias autobiográficas nos quadrinhos documentais relacionados à diversidade e à expressão de minorias, e avaliando o quanto elas favorecem a construção de visibilidade e liberação.

Nos deslocamentos visando inclusão e participação de sujeitos antes ausentes por meio da emergência de modos de representação mais complexos, vemos surgir conflitos e contradições que se revelam nas lutas identitárias e disputas por reconhecimento de um lugar para o periférico. Os imbricamentos entre mídia e arte se fazem presentes nos artigos finais do livro, deixando entreabertos outros debates. Em “*Terremoto santo e À procura do 5º elemento: figurações do periférico na arte contemporânea*”, Maurício de Bragança e Icaro Ferraz Vidal Junior olham para as estratégias ativistas que emergem na identificação de uma cultura popular em disputa, ligada a categorias étnico-raciais, de gênero, de classe, de diversidade sexual, entre outras, e desafiadoras de hegemonias.

Em “Giros sincréticos na produção do Grupo Corpo”, Andrea Limberto e Sofia Franco Guilherme, por sua vez, questionam se o palco seria também o local desse embate, analisando o espetáculo de dança *Gira*, do Grupo Corpo (2017). No artigo, as autoras buscam respostas por meio de sincretismos, diversidade identitária e hibridismos de gênero percebidos na obra. E, se esse conflito é midiaticizado, Cláudio Coração e William David Vieira relatam a “treta” entre o grupo de rap Racionais MC’s e o músico Carlinhos Brown na premiação do *MTV Video Music Brasil*, de 1998, enxergando, na evidente proposta de uma ideia contracultural, a persistência de um sentimento periférico.

Em tempos que exigem posicionamentos claros e respostas engajadas na transformação social, o conjunto destes estudos toma seu lugar na tarefa de pensar criticamente diferentes práticas midiáticas, em resposta à urgência de dar visibilidade, na produção do conhecimento, a formas de resistência, de consciência social, de menos desigualdades. Que os textos reunidos possam fazer reverberar ideias e diálogos ruidosos e profícuos. Boas leituras!

Rosana Soares
Gislene Silva
setembro de 2018